

CARAVANEIROS ÁRABE-SUAÍLIS NO TEMPO DE TIPPU TIP: ORGANIZAÇÃO CARAVANEIRA E MODOS DE OPERAÇÃO, 1850-1905

Bruno Ribeiro Oliveira*

RESUMO

Esse artigo parte de uma análise da biografia deixada pelo mercador de escravizados e de marfim chamado Tippu Tip (1832-1905). Ao analisar sua biografia, busca-se reconstruir parte da história das conexões comerciais de Zanzibar com o interior do continente africano entre 1850 e 1905. O foco do artigo é mostrar de que forma mercadores e exploradores do interior africano organizavam sua logística caravaneira, como eram suas relações sociais dentro das caravanas e como eles realizavam a busca por marfim e por pessoas para escravizar. Através, também, de fontes secundárias como relatos de exploradores europeus que encontraram Tippu Tip e testemunharam as diversas faces de uma caravana Árabe-zanzibarita no interior dos atuais estados Tanzânia, Angola e Congo, torna-se possível recriar a ambientação da vida de uma caravana de mercadores no interior do continente.

Palavras-chave: Tippu Tip (1832-1905), História de Zanzibar, Árabes em África, Comércio de Marfins, Tráfico Escravagista

ABSTRACT

This article works with the biography left by the merchant of enslaved people and of ivory called Tippu Tip (1832-1905). By analyzing his biography we look to reconstruct a part of the history of the commercial connections of Zanzibar with the hinterlands of the African continent between 1850 and 1905. The aim of this article is to show how merchants and explorers of the inner lands of Africa organized their caravan logistics, how were their relationships within the caravans, and how they did their search for ivory and people to enslave. Also, through the use of secondary sources like testimonies of European explorers who met with Tippu Tip and saw the many faces of an Arab-Zanzibari caravan in the hinterlands of the current states of Tanzania, Angola, and Congo, it is possible to recreate the environment where a caravan of merchants operated.

Keywords: Tippu Tip (1832-1905), History of Zanzibar, Arabs in Africa, Ivory Trade, Slave Trade

* Mestrado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
E-mail: 1988broliveira@gmail.com

Introdução

A ilha de Zanzibar, no leste africano, foi por muito tempo parte do sistema do mundo Índico, ainda que de maneira periférica, mas as trocas comerciais e culturais foram constantes (HÅKANSSON, 2004, p.562). Com a entrada dos europeus no século XV se diversificou ainda mais as populações e os itens comercializados que percorriam a ilha. Zanzibar se destacou pela sua posição geográfica favorável. Conectada à península arábica e a Índia através das monções, Zanzibar se tornou um entreposto entre o interior de África e o mundo Asiático e Ocidental.

Zanzibar é conhecida pelas influências islâmicas recebidas, pelo comércio de marfim, pelo comércio de escravizados predominantes nos séculos XVIII e XIX. Esse artigo busca estudar o mundo árabe-suaíli das caravanas que adentravam o interior de África na segunda metade do século XIX partindo de Zanzibar. Serve-nos de fonte as memórias de Tippu Tip, mercador caravaneiro e guerreiro árabe-suaíli que atuou no interior da África entre 1850 e 1905, data de seu primeiro trabalho como caravaneiro e data de sua morte, respectivamente.

As memórias de Tip, escritas ao final de sua vida, são uma importante fonte para se compreender o comércio de Zanzibar, a vida desses mercadores e o impacto que tiveram na costa leste e no interior africano na segunda metade do século XIX. Não são usuais as memórias de africanos anterior ao período da colonização. As memórias de Tippu Tip, por isso, nos oferecem um precioso olhar para dentro do continente. Temos a memória e voz de um africano falando por África num período em que abundam as fontes europeias sobre o continente. As memórias, apesar de não contemporâneas aos eventos narrados, pois são escritas anos depois dos fatos ocorridos, ainda assim são importantes documentos no auxílio para o trabalho do historiador (VANSINA, 2012, p.24). Documentos memorialísticos necessitam a sua própria metodologia e o caso de Tip não é diferente. Utilizamos de diversas fontes e estudos para verificar e chegar ao mais concreto possível para entender as logísticas caravaneiras entre 1850 e 1905. A autobiografia de Tip é averiguado junto de fontes contemporâneas do autor ao mesmo tempo em que nos utilizamos dos avanços historiográficos sobre o leste africano que permitem um olhar mais aprofundado sobre a vida e carreira de Tippu Tip.

Na década de 1840, os árabes-suaílis já haviam se estabelecido em grande números no interior do continente

(REID, 1998, pp.76-77). A expansão árabe-suaíli se deu por dois objetivos: a busca por marfins, que se tornavam cada vez mais raros na costa devido a constante caça de elefantes, e a busca por pessoas para aprisionar e escravizar. Os marfins já eram comercializados desde a antiguidade nubiana, egípcia e romana (HÅKANSSON, 2004, p.564-565). Entre os diversos mercadores caravaneiros que rumavam para o interior, destaca-se a figura de Hamad bin Muhammad bin Juma bin Rajab el Murjebi (1832-1905), mais conhecido pelo apelido de Tippu Tip. A origem do apelido é incerta. Charles Eliot (1907, p.X) afirma que o apelido vem do hábito de Tippu Tip em piscar os olhos constantemente. Brode (1907, p.41) afirma que Tippu Tip diz ter esse apelido devido ao barulho que seus rifles faziam durante suas viagens. Mas ocorre que o decrescente número de elefantes empurrou os árabe-zanzibaritas cada vez mais ao interior do continente (HÅKANSSON, 2004, p.569-570). A pressão sobre as populações de elefantes não vinha apenas do leste africano, segundo Beachey (1967, p.278):

At the same time as the ivory reserves of East Africa were being tapped from the coast, there was also taking place a substantial ivory trade to the north by the Nile route. The penetration of Muhammad Ali's expeditions as far south as Gondokoro in the earlier nineteenth century was the forerunner of the establishment of a wide network of ivory hunters' camps, often camouflaged under the name of Egyptian administrative posts.

Havia também o desejo dos árabe-suaílis em procurar pessoas para escravizar. Assim como o marfim, era preciso entrar mais fundo no continente para aprisionar populações que fugiam do avanço árabe-suaíli. A caça e o comércio de marfim sempre foram mais lucrativos do que a comércio de escravizados no leste africano, isso não quer dizer que o aprisionamento para escravização não fosse constante. Os escravizados não eram só importados, eram também utilizados nas caravanas de mercadores árabe-suaílis, nas cidades do interior, na costa do leste africano e na própria Zanzibar. Segundo o explorador Cameron (1877, p.281), a maioria dos escravizados eram comercializados no interior, mas o seu valor de mercado era inferior ao do marfim, que era o principal objeto buscado por caravaneiros como Tippu Tip.

A vida do mercador caravaneiro e guerreiro Tippu Tip nos oferece um olhar para dentro das relações sociais entre os árabe-suaílis da costa leste africana com os habitantes do interior do continente. A narrativa deixada por Tip nos permite conhecer a vida

desses caravaneiros, seus métodos de combate, de comércio e de socialização. Tippu Tip produziu uma autobiografia ao final de sua vida. Escrita em suaíli com alfabeto arábico, ela foi traduzida para alemão por Heinrich Brode em 1905 e para o inglês por H. Havelock em 1907. Não se trata de uma escrita que respeite a individualidade do relato de Tip, mas o documento em questão é tutelado em muitos momentos pela percepção de Brode a respeito do que relata Tip. Brode, por muitas vezes, insere os seus próprios comentários (normalmente frases de cunho moral) a respeito do que Tip relata. Mesmo com sua intromissão, ainda assim Brode deixa Tip falar por suas próprias palavras. O trabalho de recolha de Brode sobre o testemunho de Tip foi parte de um projeto do governo colonial Alemão na Tanzânia e de seus intérpretes para documentar a vida de destacados indivíduos no que era, então, uma colônia alemã, segundo TOPAN (1997, p.302), o documento: “[...] is not just a record of what he observed; it also shows him participating in the history of the region as a trader and political agent of the Sultan of Zanzibar.”

A vida de Tippu Tip, depois de ter percorrido longas distâncias e se tornado uma influente figura no interior e no leste africano, trás detalhes sobre o mercado de marfins e de escravizados que estavam conectados às redes mundiais de comércio onde os mercadores como Tip eram a ponta de lança na busca desses dois recursos.

I

Tippu Tip iniciou-se na vida de comerciante caravaneiro aos 16 anos de idade (BRODE, 1907, p.15), já em busca de marfim e, em segundo lugar, pessoas para escravizar. Além da importância desses itens para que pessoas se arriscassem nessas empreitadas, há de se destacar o papel da família nessa especialização profissional. O pai de Tip, Juma bin Muhammed el Nabhani, seu tio Bushir bin Habib, eram comerciantes caravaneiros e o irmão de Tip, Said el Erthi, bem como seu primo, Muhammed bin Said, também atuavam no mesmo ofício. Ao tornar-se pai, Tip também introduziu seu filho Sef no trabalho caravaneiro. No seio de uma família árabe-suaíli cuja renda provinha das caravanas havia a transmissão cultural dos valores islâmicos e da profissão de caravaneiro. Desse modo, Tip torna-se muçulmano e caravaneiro no seio de sua família.

Na estrutura social hierarquizada de uma caravana árabe-suaíli, o treinamento para se tornar um líder caravaneiro era reservado aos árabe-suaílis. Tip treinava seus escravizados

nas mais diversas artes, porém, nunca para liderarem, apenas para fornecerem serviço especializado. O lugar de liderança nas caravanas árabe-suaílis era sempre reservada aos seus, uma vez que eles controlavam as rotas de comércio, os despachos finais das mercadorias e tinham o poder de financiamento para manter as maiores caravanas. Essas caravanas estavam equipadas com armamentos pouco disponíveis aos nativos do interior de África, o que facilitava o aprisionamento de pessoas e servia como um pilar para o poder dos árabe-suaílis. E, por se tratar de um negócio familiar era de maior confiança que pessoas com relação de sangue e com mesma formação cultural mantivessem os postos de controle.

Caravaneiros jovens eram iniciados nesse ofício sob a companhia de alguém mais experiente. Tip passou a viajar com o pai aos dezesseis anos e também fez viagens com outros caravaneiros. Em 1850, aos 18 anos, realizou sua primeira expedição sozinho. (BRODE, 1907, p.16). O pai de Tip já estava engrenado nesse comércio e a continuação da profissão pelo filho não era só facilitada por ele estar inserido num seio familiar praticante desse ofício, mas também porque o uso de filhos, primos e irmãos permitia que se efetuassem missões de comércio ao mesmo tempo, concentrando maior acúmulo nas mãos dos financiadores e dos chefes de caravanas.

Nas suas primeiras expedições, Tippu Tip viajava em rotas já estabelecidas há muitos anos atrás. Saindo de Zanzibar os caravaneiros conectavam-se pelo mar por meio das embarcações *dhow* até as cidades de Bagamoyo e Dar es Salaam. Dessas duas cidades as rotas passavam por Tabora e o lago Niassa (ou Malawi). Conexões também já existiam com o lago Vitória e Tanganica (REID, 1998, p.76-77). Tip herdou a profissão e as rotas dos caravaneiros mais antigos. Assim como Tip se utilizou de guias locais para expansões futuras, os antigos caravaneiros exploraram o interior e abriram essas rotas com o apoio de populações autóctones. Explorados europeus como Herman Wissman (1835-1905), David Livingstone (1813-1873), Verney Lovett Cameron (1844-1894), Wilhelm Junker (1840-1882) e Henry Morton Stanley (1841-1904) se utilizaram dessas rotas e utilizaram dos serviços de guia de Tip (ELIOT, 1907, P.VIII).

As caravanas sempre estiveram formadas por contingentes de autóctones do interior e caravaneiros como Tip recorriam ao uso deles para servirem de guias. Em sua biografia não se fala do uso de autóctones como intérpretes (ainda que cite o uso de guias), mas tal ação deveria ser recorrente. Em determinado momento

Tip rememora que, quando viajando por Kasongo, não conseguia se comunicar e só depois de muito tempo conseguiu informações sobre marfim com um homem que falava tshiluba (BRODE, 1907, p.82)

Se a posição de liderança nas caravanas era reservada aos árabe-suaílis e aos seus familiares, outras posições dentro da caravana podiam ser ocupados pelos mais diversos atores. Os carregadores e combatentes eram principalmente formados por wanyamwezi e por wasaramo. Tippu Tip, em suas memórias, relembra da participação dos wasaramo em sua caravana (BRODE, 1907, p.26) e, noutro momento, relata que os wanyamwezi juntaram-se a sua empreitada (BRODE, 1907, p.27). Os wanyamwezi já estavam melhor familiarizados com o comércio árabe-suaíli desde o século XVIII (ROCKEL, 2000, p.175) e integravam em grandes números as caravanas zanzibaritas.

Os carregadores, wasaramo e wanyamwezi, juntavam-se a caravana de dois modos: como trabalhadores livres ou como escravizados. Sendo que os trabalhadores livres podiam ser temporários ou fixos. Temporários no sentido de que atuavam por apenas alguns meses nas viagens dado que em outros momentos estavam ocupados com trabalho agrícola (ROCKEL, 2000, p.173). Em suas memórias, Tippu Tip recorda que, com dificuldade em arregimentar carregadores, foi ajudado pela fome que atingiu um grande número de wasaramo. Cerca de 200 deles abandonaram suas terras improdutivas para se juntarem a caravana de Tippu Tip, obtendo, assim, seu sustento. Tip pagava em espécie pelo serviço dos wasaramo em viagens que podiam durar meses ou mesmo anos (BRODE, 1907, p.27). Em dado momento, quando nas proximidades de Tabora, Tip diz não conseguir carregadores em número suficiente pois era época de colheita e esses estavam ocupados nessa função. (BRODE, 1907, p.160). Para Rockel (2000, p.180), um certo padrão pode ser verificado no século XIX, pois, nas estações secas os wanyamwezi trabalhavam em caravanas e, nas épocas de chuva, trabalhavam em suas plantações.

Os escravizados estavam presentes em grandes números nas caravanas. Não apenas como carregadores, mas como guerreiros ou em outras funções úteis à caravana. Diversos trechos das memórias de Tip acusam o uso de escravizados (Brode, 1907, pp.31-32; p.35; p.60; p.65). O explorador Cameron (1877, p.280-281) em sua narrativa, se espantou e criticou a quantidade de escravizados presentes na caravana de Tip em 1877. Os escravizados eram utilizados como carregadores, guerreiros, como item de comércio e algumas mulheres escravizadas integravam o harém dos líderes caravaneiros. Ao descrever o séquito ao redor de Tippu Tip,

Stanley (1878, p.128), além de verificar a existência de um número entre cinco a seis mulheres no harém de cada um dos homens que coordenava a caravana, escreveu que cada um possuía entre 30 a 40 homens escravizados sob comando.

Enquanto a maior parte dos escravizados formavam as fileiras de carregadores e guerreiros, outros serviam em posições superiores na caravana. Indivíduos especializados, livres ou escravizados, atuavam como guias e estavam sujeitos a melhores recompensas do que os membros regulares de uma caravana. Essas recompensas podiam vir em forma de melhor alimentação, cargas mais leves para carregar ou mesmo dispor de um escravizado para auxílio (ROCKEL, 2000, p.184-185). Outras importantes funções dentro de uma caravana, além do guia, eram a de mganga (especialista em rituais de cura) (REMPEL, 2010, p.287).

O comando de uma caravana, de acordo com Stanley (1878, p.128) era formada por cerca de meia dúzia de homens árabe-suaílis e negros autóctones. Um caso interessante é de Gongo Luteta. Luteta fora um escravizado de Tip que trabalhou como líder caravaneiro e que esteve a serviço de Tip ao longo do rio Lomani. Apesar da tradição oral colocar Luteta como um dependente de Tippu Tip (GORDON, 2017, p.148), Luteta conseguiu criar uma rede de comércio independente dos árabes-suaílis e, desse modo, negociou com os europeus através do rio Lomani e do rio Congo, vindo, mais tarde, a lutar junto dos belgas contra as forças de Tip no interior do continente (PAGE, 1974, p.80) na guerra Congo-Árabe que ocorreu entre os anos de 1892 e 1894.

II

O predomínio de Zanzibar é notável, mas não era incontestável. Junto dos grandes caravaneiros como Tippu Tip, existiram comerciantes e organizadores de caravanas de povos do interior. Os wanyamwezi organizavam caravanas de comércio que arrematavam um grande número de pessoas. Os caravaneiros wanyamwezi se reuniam para realizar grandes viagens e terem poder de fogo suficiente para se protegerem. Tais caravanas podiam ser tão grandes quanto as dos árabe-suaílis e podiam contar com até mil pessoas (ROCKEL, 2000, p.180).

Em 1888, um oficial sob ordens de Stanley, James S. Jameson, considerou que existiam três classes de pessoas no interior. Cavalheiros árabes, escravos e nativos. Isso correspondia aos árabe-suaílis, aos semi-islamizados das caravanas

(escravizados ou não) e às populações locais (PAGE, 1974, p.74). A estratificação devia estar bastante presente ao olhar do viajante que cruzava o interior, pois distinguiam-se claramente a posição de poder dos caravaneiros de Zanzibar, seus subordinados na caravana e os nativos que não trabalhavam em caravanas ou apenas atuavam em temporadas.

As caravanas árabe-suailis eram agentes de transformação no interior das regiões leste e central de África. A procura por marfins e por escravizados levou a um reordenamento social nessas terras. As populações autóctones foram afetadas de diferentes modos. As populações acabaram escravizadas e deslocadas pela violência empregada ou acabaram engrenadas de diferentes modos no mercado e nas rotas caravaneiras.

Os árabe-suailis mantinham, devido ao seu poder de fogo e de financiamento, as posições de comando nas rotas e nas caravanas. Os seus braços menos poderosos – carregadores e guerreiros – eram formados pelas populações autóctones, principalmente wanyamwezi e wasaramo. O que diferenciava esses dois grupos específicos? Os wanyamwezi e os wasaramo, segundo Page (1974, p.71), eram as pessoas que estavam no meio, i.e., eles estavam agregados na ordem introduzida por Zanzibar como uma espécie de espinha dorsal para o funcionamento da máquina comercial e bélica da ilha pois serviam como carregadores e guerreiros. Os wanyamwezi e wasaramo também eram chamados de waungwana. Segundo Page (1974, p.75):

With direct relationship between the Arabs and the Africans held to a minimum by disdain on the one hand and distrust, on the other, the principal link between the two, was provided by the waungwana. The status of these man was fairly well defined and placed them conveniently between the others. The Arabs saw them as adjuncts to, their own commercial purposes, but did not bother about whether they were slaves or servants. In relation to the local African population, they were perceived by the Arabs as distinct superiors, although with respect, to their Swahili and Arab overlords they were clearly view as inferiors.

Os chefes caravaneiros tratavam de separar os seus do resto da massa das populações locais. Para Page, a religião tinha um papel importante nisso, pois ela servia de marcador de diferença. Os árabe-suailis tratavam de circuncisar e ensinar a repetição de versos corânicos. Ademais, os autóctones que recebiam uma breve introdução à religião islâmica sabiam diferenciar os animais puros dos impuros. Isso, muito possivelmente, podia ser o suficiente

para os diferenciar dos autóctones restantes. Esses semi-islamizados autóctones adotaram o suaíli como língua, e conforme o tempo passou e se o seu trabalho demonstrasse valor, podiam alcançar posições altas nas caravanas, ou mesmo se tornar agentes independentes. A regra para se compreender a situação dos povos autóctones do interior que estão em contato com a costa e o comércio mundial, é que não há padrão rígido, mas que as possibilidades de vida iam da escravidão à chefia de caravanas. Mas o mesmo não serve para as mulheres, que eram impossibilitadas pelo seu gênero e tratamento de inferiorização dispendido tanto pelos árabes-suaílis quanto pelas populações autóctones. Para além disso, a relação entre os árabe-suaílis e os autóctones do interior é marcada pelos extremos (BROWN, 1971, p.617), ora coexistem pacificamente, ora se encontravam em embates devastadores. Um interessante marcador de diferença dos carregadores eram suas vestimentas em algumas caravanas. Rempel (2010, p.286) afirma que em uma das expedições os carregadores compartilhavam um estilo de vestimenta. Usavam camisas brancas de algodão que, segundo a autora, mostrava que eles pertenciam a uma caravana árabe-zanzibarita e que eles queriam ser reconhecidos como muçulmanos.

Um dado que não pode ser ignorado é que os caravaneiros árabe-suaílis entravam na região não pelo desejo de impor sua fé ou seu modo de vida, mas o objetivo era o lucro no comércio de marfim e de escravizados. Stanley (1878. p.128) observara que alguns membros próximos, mas sob comando de Tip, eram islamizados, ainda que observasse uma frouxidão na sua fé afirmando de forma preconceituosa que eram “[...] superstitious as any primitive African.” Os líderes árabe-suaílis das caravanas permitiam uma margem de liberdade aos seus subordinados uma vez que estivessem satisfeitos com os seus negócios. Enquanto líderes caravaneiros obtivessem o marfim e os escravizados, os seus comandados podiam dedicar tempo aos seus afazeres e, desse modo, podiam atingir um nível de vida material que não estava disponível aos autóctones não engrenados com o comércio caravaneiro (PAGE, 1974, p.78).

Existiam trabalhadores que prestavam diferentes serviços aos caravaneiros. Os escravizados de Tip precisavam ser presos por correntes para evitar o risco de fuga. Aparece em sua memória um mercador indiano chamado Banyane Hilla, que habitava no interior, na região da Mkamba, e fornecia correntes e hastes de ferro para o mercado escravagista (BRODE, 1907, p.28). Burton também

encontrou em sua viagem no interior africano um indiano chamado Musa Mzuri que ia de volta a Zanzibar trazendo marfim (BEACHEY, 1967, p.270). Esse mercado do leste africano só podia funcionar com toda uma rede de especialistas, tratando das mais diferentes áreas que esse negócio requisitava. Banyane Hilla fornecia algum tipo de recurso no interior, mas era na costa e na ilha de Zanzibar que os caravaneiros conseguiam suporte financeiro através de indianos.

Os indianos eram responsáveis pelo controle do tráfico e distribuição do marfim no oceano Índico. Segundo Beachey (1967, p.277):

The agency in East Africa was merely a branch house, even though it may have been in existence for two or three hundred years. For example, Fayal Gulam Hussein of Zanzibar was the agent of Allai Paroo, a prominent Muslim, merchant of Bombay. These Indian merchants had their homes in Scinde, Karachi, Kathiawar and Bombay, and some came from as far as south Cochin, but they might spend most or all their lives in East Africa. Their families, however, usually resided in India. The head office always remained in India, and books were balanced there periodically. Some of these Indian merchants also had branch agencies in Aden.

Além do controle do despacho final dos marfins, mercadores como Banyane e Musa Mzuri, mostram que os mercadores indianos cooperavam e/ou competiam com mercadores árabe-suaílis e autóctones.

O mercador de origem indiana Taria Topan, destacou-se como um grande financiador de caravanas. Topan estava próximo do Sultão de Zanzibar e habitava a ilha. Seu papel não era adentrar o continente, mas prover os recursos necessários a uma expedição. Armas, pólvora e comida estavam entre os principais itens necessitados pelos caravaneiros. Cameron (1877, p.31-32) afirmou que Taria Topan era um dos mais influentes mercadores indianos. Cameron ainda diz que graças a Topan ele conseguiu os mais diversos itens que não eram encontrados no interior do continente, como agulhas e botões. Taria Topan e Ratu Bimji, o rei do marfim, outro mercador de origem indiana, financiavam caravaneiros como Tippu Tip (BRODE, 1907, p.47). Os indianos não eram os únicos financiadores, mas aparentemente possuíam os maiores recursos para as expedições. Em dado momento, Tippu Tip procurou financiamento e com dois homens, Nur Muhammed e Warsi Adwan, que afirmaram não obter os mesmos recursos que Taria Topan para ajudá-lo na empreitada (BRODE, 1907, p.48).

Todas essas negociações para o financiamento da expedição de Tip ocorriam em Zanzibar, onde estava localizado o poder político representado pelo sultão e o poder econômico representado pelos indianos. Segundo Wolff (1974, p.446):

While gathering into their hands a near-monopoly in the financial market and thereby extensive Zanzibar land holdings and a dominant position in the wholesale trade, the Indians remained British subjects, political aliens within the Sultanate. Thus, while they had in fact taken over the dominant economic position from Arabs-Swahili slave-trading and landlord aristocracy, the latter retained formal political dominance under the Sultan's leadership.

Longe de Zanzibar, os caravaneiros dependiam de outros parceiros de negócios para continuar a operar com eficiência. Tippu Tip tinha um contato que cuidava de suas remessas enviadas do interior. Nem sempre a relação era eficiente para os negócios. Esses parceiros comerciais podiam causar graves problemas aos líderes caravaneiros. O irmão de Tip, Masud al Wardi, teve todo o seu estoque de escravizados e de marfins vendidos por um homem chamado Said el Herthi, o que o levou a falência e, mais tarde, a se tornar um caravaneiro a serviço de Tip (BRODE, 1907, p.25) Noutro trecho (BRODE, 1907, p.25), Tip pune um agente intermediário mantendo-o acorrentado por quatro dias. O homem havia vendido quase todas as mercadorias que deveria ter mantido estocada. Esses agentes intermediários são peças importantes para o funcionamento das caravanas. Ainda que suscetíveis a atos de má fé, outros eram confiáveis como lembre Tip sobre Luteta, que estava localizada em Utetera (BRODE, 1907, p.131), mas que mais tarde tornaria-se dono de si próprio.

IV

Podemos afirmar que a organização das expedições caravaneiras árabe-suailis começavam em Zanzibar, local onde ocorria o despacho final de muitos itens buscados no interior. Financiados pelos indianos que residiam em Zanzibar os caravaneiros partiam para Dar-es-Salam ou Bagamoyo no litoral leste africano. Dessas duas cidades os mercadores podiam se dirigir para as regiões do lago Malauí, para o lago Tanganica, para a região de Kasongo e, assim, estavam conectados com as rotas do rio Congo. Também podiam se dirigir às regiões nos arredores do Lago Vitória (BEACHEY, 1967, p.282) e para as hinterlândias

do povo masai ao norte (BEACHEY, 1962, p.451). As viagens mais longas, pelos materiais comerciais avariados obtidos, eram as mais exitosas em questão de lucro, mas podiam levar meses ou anos. Não apenas porque as distâncias eram grandes, mas porque os mercadores se estabeleciam por temporadas em cada local das rotas de comércio. Ademais, a escassez de marfim e de pessoas para se escravizar podia levar os mercadores a andarem meses sem conseguir obter os recursos procurados (BRODE, 1907, p.28).

O comércio escravocrata e o comércio de marfim tornavam a região um local de conflitos constantes. A captura de pessoas para escravização requeria uma ação violenta. Arrancar a pessoa de sua vida ordinária e submetê-la à escravidão necessitava de coerção. Os escravizados eram dirigidos à costa, mas não somente ao tráfico para fora do continente africano, muitos fugiam pelo caminho, outros eram vendidos nas povoações das rotas comerciais e outros morriam na viagem (BROWN, 1971, p.652).

Os embates nas hinterlândias eram deveras violentos. O propósito dos ataques efetuados pelos caravanistas era aterrorizar e apreender o maior número possível de pessoas para escravizar. Devido as suas armas de fogo, a vitória pendia sempre para o lado dos caravaneiros como Tip. Fogo das aldeias em chamas e fumaça formavam a paisagem desses combates (BRODER, 1907, p.77). Livingstone (PAGE, 1974, p.73) observou povoados em chamas, povoados desertos, comunidades desintegradas e pessoas com medo de novos ataques dos árabe-suaílis. Segundo Wolff (1972, p.461):

The slave trade disrupted the economic structures and activities of African society. The removal of tribes people often denied the tribe the labor power and security necessary to produce the agricultural output essential to survival. The weakening of the defensive potential of some tribes in some regions prompted increased intertribal raiding and warfare. The spread of slave traffic made guns increasingly available to tribes whose raiding and warfare proclivities were consequently far more damaging than previously.

As armas de fogo tiveram um papel essencial em situações perigosas para a caravana. Dois exemplos ilustram como Tip conseguiu alcançar vitória devido as suas forças equipadas com armas de fogo. Em Nsama, Tip lutou junto de 105 homens contra um sultão local devido a desavenças quanto aos tributos que deveriam ser oferecidos ao soberano, o que acarretou em dois meses de guerra e acabou com Tip ferido por uma flecha e Nsama

derrotada com ajuda de outro sultão (BRODE, 1907, pp.31-32). Em outro momento, equipado com 80 armas, ficou registrado que em três dias de caça para aprisionamento, as forças de Tip capturaram cerca de 800 pessoas (BRODE, 1907, p.28).

A profissão de caravaneiro estava intimamente ligada com a arte de guerrear. Segundo Gordon (2017, p.145): “A warrior reputation was also an established element of the mystique of leadership.” E: “Through the caravan trade and early European intrusions, violence continued to legitimize the most powerful pre-colonial leaders; it turned their warrior credentials into the most important attribute of government (GORDON, 2017, p.156).” A arte de comandar uma caravana, então, estava intimamente ligada a arte de guerrear. Tippu Tip era conhecido como *Kingugwa Chui* (O Leopardo que ataca todos os lados) e seu irmão era chamado de *Kumnakumba* (Aquele que se apossa de tudo). Eram apelidos que invocavam a força de suas pessoas e dos seus feitos em combates (BRODE, 1907, p.28).

Por toda sua vida Tippu Tip teve de lutar. Em alguns momentos para o bom andamento de suas transações comerciais (BRODE, 1907, p.29), em outros para sobreviver aos inimigos que queriam adquirir seus recursos (BRODE, 1907, p.32). Tip ainda se aliava com outros árabes-suaílis para fazer guerra e adquirir recursos em terras hostis (BRODE, 1907, pp.35-36). E, quando requisitado, Tip tinha de lutar para manter a influência e o poder do sultão de Zanzibar no interior do continente (BRODE, 1907, p.167). Não há menções nas memórias de Tip sobre as campanhas militares de Nyungu que foram bastante violentas e presentes nas áreas de atuação das caravanas e cuja memória é persistente na história da Tanzânia (SHORTER, 1968, p.251). Nyungu foi responsável por diversos bloqueios de rotas para os caravaneiros e travou diversos combates contra os árabe-suaílis (SHORTER, 1968, p.236). Não sabemos, também, porque campanhas como a de Mnwa Sele ficaram de fora das memórias de Tip. Mnwa Sele tentou quebrar com o monopólio dos árabe-suaílis e lançou uma longa campanha de guerra com ações rápidas seguido de fuga contra as caravanas (SHORTER, 1968, p.239).

Stanley (1878, p.129) diz ter visto muitos membros de uma caravana árabe-suaíli equipados com rifles com mecanismo de pederneira, lanças, escudos, arcos e flechas. O sucesso dos caravaneiros, como Tippu Tip, não advinha só do conhecimento das rotas e das redes de contato, mas também do domínio das armas de fogo. Os rifles com mecanismo de pederneira inundaram o interior e a costa leste africana. Conforme rifles mais modernos foram sendo

desenvolvidos, os rifles com mecanismos de pederneira passaram a ser transportados e vendidos aos árabe-suaílis (BEACHEY, 1962, pp.451-452) e até para alguns povos do interior. Muitos viajantes presenciaram essas armas em mãos de árabes-suaílis e autóctones:

Early explorers had commented with surprise on the large quantities of arms available in the interior. Krapf, in 1847, had seen caravans with up to 1.000 muskets going into Masailand, and Burton comments on a European firm importing into Zanzibar more than 13.000 muskets in one year. Livingstone and Cameron in the 1870's found to the west of Lake Tanganyika parties led by Arabs carrying up to 1.000 muskets. Cameron states: 'When I passed, nearly every village could turn out at least half of its men armed with muskets'. Speke, the first European to visit Uganda, in 1862, found to his surprise that his present of guns was no novelty to Mutesa, King of Buganda, The only fire-arm found attractive to Mutesa and King Rumanika of Kargwe was a beautiful Colt six-shooter. Both baker and Gordon speak of Mutesa's armoury which included between 800 to 1.000 muskets and 'five little brass guns' without carriages (Beachey, 1962, p.451).

Mirambo, um famoso líder e guerreiro wanyawezi comprava e roubava rifles dos caravaneiros árabe-suaílis (BRODE, 1907, p.135). Tippu Tip conseguia comprar armas com os belgas (BRODE, 1907, p.248) e rifles podiam ser adquiridos na costa leste africana com mercadores de origem indiana, fosse para revenda no interior do continente ou para uso pessoal dos guerreiros das caravanas. Os árabe-suaílis tratavam de exportar os rifles para as regiões do lago Tanganica, para Kasongo e para as regiões do lago Vitória (BEACHEY, 1962, p.459-460). Os árabe-suaílis tratavam de impedir que povos autóctones específicos conseguissem armamentos modernos. Em alguns casos, Tip e outros mercadores impediam, quando possível, que autóctones do interior descobrissem a força de seus rifles. Quando em encontro com shenshis, Tip avisou seus homens que não revelassem para que serviam seus rifles, pois os autóctones desconheciam sua utilidade (BRODE, 1907, p.86-87).

Um número inexato de árabe-suaílis existia no interior, pois a vida nas hinterlândias trazia uma liberdade política, econômica e bélica que não estava disponível em terras costeiras e em Zanzibar. O controle do sultão de Zanzibar era mais forte na ilha e nas costas africanas, porém mais frágil no interior. De acordo com Wolff (1972, p.445):

The Sultan exercised real and effective power only along the coast of East Africa and parts of southeastern Arabia (Muscat and Oman);

in the interior his influence was stable and continuous only along some of the main caravans routes. What transitory power he could exert in the interior of East Africa tended to depend on struggles among groups of Arabs and Swahilis, who often appealed on the Sultan's authority merely as a tactic in their feuding.

A vida no interior permitia a busca por riquezas e uma maior liberdade de ação por parte dos caravaneiros e de seus seguidores mais próximos. Mas, ainda longe das mãos do sultão, eles reconheciam sua autoridade. Tip marchava sob a bandeira vermelha do sultanato (BRODE, 1907, p.61) e mantinha uma linha de comunicação com Zanzibar por meio de cartas (BRODE, 1907, p.95). Tippu Tip reconhecia seu compromisso com o sultão e isso permitia sua atividade comercial, além de vantagens econômicas e sociais uma vez que estava coadunado com os desígnios do detentor do poder dado que a ilha de Zanzibar pulsava com negócios e financiadores. Mas para além do sultanato, Tip também teve de se moldar aos novos tempos e aos poderes ocidentais que entravam em cena. Em 1833, os Estados Unidos fecharam um tratado de comércio e em 1837 eles enviaram um cônsul. Entre 1839 e 1940 os britânicos fecham tratados e enviam cônsules. Em 1844, os franceses abrem diplomacia com Zanzibar e em 1859 as três repúblicas Hanseáticas (Lübeck, Bremen e Hamburgo) (WOLFF, 1972, p.445).

Tippu Tip acabou preso devido a pressão britânica por suas ações irregulares (assim consideradas pelos britânicos). Tip ficou entre o poder do sultão e o poder de Londres. Ao mesmo tempo que queria apoiar Tip, mas não queria desapontar os britânicos, o sultão condenou Tip a três dias de prisão, agradando a ambos os lados, Tip e Londres. Nenhum dano maior ocorreu ao comércio de Tip (BRODE, 1907, p.51). Os danos aos mercados escravocratas viriam mais tarde, com a colonização por parte dos alemães e dos britânicos.

Entre 1873 e 1883 os britânicos conseguiram causar diversos danos aos mercados escravagistas, causando conflitos entre os mercadores caravaneiros e o sultão. Aos britânicos isso era bem vindo, pois arruinava ou enfraquecia financeiramente os caravaneiros e diminuía a influência do sultanato. Num segundo momento, em 1884 e a década de 1890, os britânicos conseguiram atacar diretamente o comércio escravagista, levando-o a falência (WOLFF, 1972, pp.449-450). Os caravaneiros que atuavam longe da costa não estavam comunicáveis, não estavam totalmente livres da força política e econômica da costa leste africana

e das estratégias geopolíticas do mundo ocidental cada vez mais presente em seus entornos. Apesar de ter oferecido uma maior manobrabilidade na vida e no comércio, o interior estava totalmente dependente das exportações que por sua vez estava submetida aos meandros da política econômica e das relações internacionais de Zanzibar com o restante do mundo.

Outro forte golpe na eficiência dos caravaneiros foi o interesse europeu em adentrar o continente africano para colonizá-lo e dominá-lo. Como parte dessa estratégia, diversos tratados foram realizados para que se impedisse a venda de armas para os africanos. Os acordos de Berlim de 1885, de Bruxelas, em 1890 e o Anglo-Alemão em 1886 e 1890 tratavam desse tema. Os tratados não impediam que as armas chegassem devido ao contrabando, mas dificultavam o acesso. Os poderes ocidentais conseguiram forçar o sultanato de Zanzibar à submissão. Os alemães conseguiram a secessão das terras litorâneas que formariam a África Oriental Alemã, e os britânicos conseguiram impor um protetorado na ilha de Zanzibar.

Para os mercadores do interior a penetração colonial e o reordenamento da ordem política e social selou o fim das suas atividades. Os belgas destruíram as posses árabe-suaílis no interior do Congo¹, os alemães e britânicos fecharam o cerco pelo litoral. Essas caravanas com 400, 700 e até 1.000 pessoas cruzavam o leste africano, movimentando comércio e eram a conexão do mundo interior com o exterior. Ao tempo da morte de Tippu Tip, em 1905, já todo o mundo dos caravaneiros se encontrava legislado e controlado por imposições de povos e armas do além mar.

Conclusão

Os caravaneiros que existiram entre 1850 até o final do século XIX, período do qual Tippu Tip é parte foram atores chaves porque (1) ajudaram os expedicionários europeus a conseguir informações vitais para a colonização da África e a reconhecerem as possibilidades comerciais e produtivas da região; (2) responderam a demanda por marfim do mundo industrializado, da China, da Índia e dos próprios domínios de Zanzibar e do interior africano; (3) impactaram socialmente os povos autóctones por meio da escravidão, da religião islâmica e das hierarquias sociais introduzidas ou destruídas; (4) alteraram o ecossistema da região

1 Tais eventos são relatados em *The Fall of The Congo Arabs* escrito por Sidney Langford Hinde em 1897.

devido ao vigor do comércio (HÅKANSSON, 2004, p.576); (5) o período final de Zanzibar e suas posses e rotas caravaneiras no interior demonstrou uma tremenda profusão de povos envolvidos que ainda pode ser pesquisada; (7) as rotas desenvolvidas pelos caravaneiros e autóctones foram utilizadas pelos missionários cristãos no período de colonização o que ajudou no processo de cristianização da região (SUNDKLER; STEED, 2004, p.513); (8) os caravaneiros como Tippu Tip eram a ponta de lança de um longuíssimo comércio em distância e que existia há centenas de anos, onde marfins eram retirados do interior e, em alguns meses ou anos, poderiam estar à mesa de sinuca de um abastado britânico. (9) O comércio de longa distância praticado por Tippu Tip foi responsável por fazer a ligação do leste africano com o oeste africano por meio do centro desse continente. As caravanas como a de Tip foram responsáveis por essa ligação na segunda metade do século XIX (VANSINA, 1962, pp.387-388). (10) A biografia de Tippu Tip é um importante documento histórico com ricas informações sobre a vida no leste africano entre 1850 e início do século XX. Não a encaremos apenas como uma biografia de um árabe-zanzibarita, mas também como uma fonte da literatura suaíli que vem desde o século XVI (CASCO, 1996, p.391) e que combina traços da escrita europeia, da tradição arábica da *habari* e de traços da sociedade suaíli (TOPAN, 1997, p.299).

Ademais, as caravanas árabe-suaílis, sua logística, hierarquia e modo de operação podem nos revelar importantes traços da sociabilidade no interior africano na segunda metade do século XIX. Os contatos entre diferentes povos é bastante marcante, a violência é uma marca desse momento histórico e a conexão desse comércio no interior de África com o restante do mundo é deveras importante para se perceber a história dessa região em relação a história global.

Referências

- Beachey, R.W. The Arms Trade in East Africa in the Late Nineteenth Century. *The Journal of African History*, v. 3, n. 3, 1962, pp. 451-467. Disponível em: http://journals.cambridge.org/abstract_S0021853700003352
- BEACHEY, R.W. The East African Ivory Trade in the Nineteenth Century. *The Journal of African History*, v. 8, n. 2, 1967, pp. 269-290. Disponível em: http://journals.cambridge.org/abstract_S0021853700007052
- BRODE, H. *Tippoo Tip*. London, 1907.
- BROWN, B. Muslim Influence on Trade and Politics in the Lake Tanganyika Region. *African Historical Studies*, v. 4, n. 3, 1971, pp. 617-629. Disponível em: http://journals.cambridge.org/abstract_S0021853700003353

- CAMERON, V.L. *Across Africa*. Harper & Brothers Publishers, New York, 1877.
- CASCO, José Arturo Saavedra. La Literatura Swahili como Documento para la Historia de África. *Estudios de Asia e Africa*, v. 31, n. 2, 1996, pp. 389-400.
- ELIOT, C. Preface. In: Brode H. *Tippo Tip*. London, 1907.
- GORDON M. David. Precursors to Red Rubber: Violence in the Congo Free State (1885-1895). *Past & Present*, n. 236, 2017, pp. 133-168
- HÅKANSSON, N.T. The Human Ecology of World Systems in East Africa: The Impact of the Ivory Trade. *Human Ecology*, v. 32, n. 5, 2004, pp. 561-591. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4603539>
- PAGE, M.E. The Manyema Hordes of Tippo Tip: A Case of Study in Social Stratification and the Slave Trade in Eastern Africa. *The International Journal of African Historical Studies*, v. 7, n. 1, 1974, pp. 69-84. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/216554>
- REID, R. Mutesa and Mirambo: Thoughts on East African Warfare and Diplomacy in the Nineteenth Century. *The International Journal of African Historical Studies*, v. 31, n. 1, 1998, pp. 73-89. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/220885>
- REMPEL, Ruth. "No Better than a Slave or Outcast": Skill, Identity, and Power among the Porters of the Emin Pasha Relief Expedition, 1887-1890. *The International Journal of African Historical Studies*, v. 43, n. 2, 2010, pp. 279-318.
- ROCKEL, S.J. A Nation of Porters: The Nyamwezi and the Labour Market in the Nineteenth-Century Tanzania. *The Journal of African History*, v. 41, n. 2, 2000, pp. 173-195. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/183432>
- SHORTER, Aylward. Nyungu-Ya-Mawe and the 'Empire of the Ruga-Rugas'. *The Journal of African History*, v. 9, n. 2, 1968, pp. 235-259.
- STANLEY, H. M. *Through the Dark Continent*. Harper and Brothers Publishing, 1878.
- SUNDKLER, Bengt; STEED, Christopher. *A History of the Church in Africa*. Cambridge University Press, New York, 2004, (o. 2000).
- TOPAN, Farouk. Biography writing in Swahili. *History in Africa*, v. 24, 1997, pp. 299-307.
- VANSINA, Jan. Long-distance Trade-routes in Central Africa. *The Journal of African History*, v. 3, n. 3, 1962, pp. 375-390.
- VANSINA, Jan. History and Memoirs: Alfons Vermeulen on Rural Congo (1899-1904). *History in Africa*, v. 39, 2012, pp. 123-142.
- WOLFF, R. D. British Imperialism and the East African Slave Trade. *Science & Society*, v. 36, n. 4, 1972, pp. 443-462. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40401672>

Recebido em: 16/09/2019
Aprovado em: 10/11/2019